

GUEST EDITORIAL

David Bohm e o desafio de uma sociedade fragmentada

No 40º aniversário de *Wholeness and the Implicate Order*, uma das principais obras de David Joseph Bohm (1917-1992), publicada em 1980, trazemos à tona as palavras desse complexo físico norte-americano, as quais parecem fazer mais sentido do que nunca em meio a dias tão conturbados como os nossos.

Segundo o próprio autor, esse livro é uma coleção de ensaios que representam o desenvolvimento de seu pensamento desde a década de 1960, quando Bohm começava a trabalhar as ideias de consciência e de totalidade. Logo nas primeiras frases do primeiro capítulo, intitulado *Fragmentation and wholeness*, Bohm nos lança um grande desafio, ainda atual:

É especialmente importante considerar essa questão [da fragmentação e da totalidade] hoje, pois a fragmentação é amplamente difundida, não apenas na sociedade, mas em cada indivíduo; e isso está levando a um tipo de confusão geral da mente, que cria uma série de problemas intermináveis e interfere em nossa clareza de percepção tão seriamente, de forma que nos impede de resolvê-los.¹

Talvez não seja claro compreender o que David Bohm considerava ser a “fragmentação” do ser e da sociedade. Isso torna o desafio ainda mais válido e mais difícil para nós, que, ao contrário do físico, não estamos acostumados a enxergar uma totalidade, mas apenas partes pequenas desta. Felizmente, ele nos explica em detalhes o que entende por esse conceito, e como o mesmo parece afetar a tudo e a todos, da consciência humana à humanidade. Assim, Bohm comenta que:

(...) as distinções generalizadas e evasivas entre as pessoas (raça, nação, família, profissão etc., etc), que agora estão impedindo a humanidade de trabalhar junta pelo bem comum, e, de fato, até por sobrevivência, têm um dos fatores-chave de sua origem em um tipo de pensamento que trata *as coisas* como inerentemente divididas, desconectadas, e “quebradas” em partes constituintes ainda menores. Cada parte é considerada ser essencialmente independente e auto-existente.²

Segundo seu pensamento, essa divisão faz com que defendamos nossas necessidades e nosso “ego”, ou até um grupo que compartilhe de nossas ideias, das necessidades e percepções de outros indivíduos e outros grupos com ideias diferentes. Mesmo, raramente,

¹ Tradução feita pelas autoras. Vide David Bohm, *Wholeness and the Implicate Order* (Londres e Nova Iorque: Routledge, 1980), 1.

² *Ibid.*, prefácio.

quando o ser humano consegue enxergar a humanidade como um todo, separa-a da natureza, fragmentando, mais uma vez, a totalidade. No trabalho humano, por sua vez, isso não parece ser diferente. Ninguém percebe que há uma rede orgânica de trabalhadores, cujas profissões e escolhas diárias estão interligadas, afetando uns aos outros. Em essência, essa é a forma do homem pensar a totalidade, i. e. em fragmentos independentes.

Bohm ainda deixa claro que a fragmentação está presente também na arte, na ciência e na tecnologia. O conhecimento está retalhado em especialidades, consideradas, em essência, diferentes entre si. Nas palavras do físico: “As pessoas dificilmente sabem o que está acontecendo nos campos das outras. E por aí vai. O conhecimento é fragmentado. Tudo é dividido em pequenas peças”.³ Uma vez que as pesquisas estão espalhadas em partes tão pequenas, fica difícil para um especialista enxergar o todo, talvez dificultando que os cientistas e estudiosos de todo o mundo trabalhem juntos e alcancem resultados.

Logo, fica escancarado que os problemas, já presentes desde muito antes da década de 1980, são, de fato, “intermináveis”, uma vez que as ideias de David Bohm parecem ecoar, mais do que nunca, nos dias atuais.

Atualmente, lidamos com uma falsa aparência de um mundo globalizado, como uma *pseudo* totalidade. Aquele se mostra tão verdadeiramente conectado que a disseminação de um novo vírus se dá em tempo recorde, sem respeitar nenhuma fronteira. Por ironia, nós, que já pisamos na lua, que estamos em vias de ter computadores quânticos, que já podemos contar com certa face da inteligência artificial à nossa disposição, ficamos prostrados diante de um vírus que, embora mapeado rapidamente, coloca o mundo como um todo à mercê. Ao mesmo tempo, os impactos econômicos afetam a tudo e a todos de forma desastrosa, mais uma vez, mostrando uma certa totalidade.

Entretanto, paradoxalmente, o mundo se mostra completamente fragmentado, não apenas em relação aos protocolos de adesão ao isolamento, às medicações criadas em laboratórios secretos, ou à atuação dos líderes nacionais, mas também às ideias sobre a própria percepção da realidade vivenciada. Essa parece ser a fragmentação da mente à qual Bohm se referia. Mais uma vez, as pessoas se separam em grupos e defendem suas ideologias e seus egos em contraposição a outros grupos, outras ideologias e outros egos, impedindo a humanidade a trabalhar junta pelo bem comum e pela sobrevivência.

David Bohm, com uma grande iluminação de pensamento, pareceu compreender o que passamos historicamente desde tempos longínquos e que continuaríamos passando no século XXI. Em uma tentativa da humanidade se organizar, teria se perdido nessa busca e perdido, então, sua unicidade. Assim teria sido com o nacionalismo, que dividiu o mundo em nações e estabeleceu fronteiras, fornecendo a falsa impressão de realidade.⁴ Na sequência, não seria espantoso notar que filtros de linguagem, de comunicação, de emoções e de sentimentos, se encarregariam de atribuir maior importância a uma ou outra nação, a uma ou outra religião, criando até polarizações políticas, contribuindo com uma divisão mundial já presente:

³ David Bohm, *Thought as a System*, 2ª ed. (Londres e Nova Iorque: Routledge, 2004), 4.

⁴ *Ibid.*, 1 e 10.

De fato, a tentativa em se viver de acordo com a noção de que os fragmentos são realmente separados é, em essência, o que tem levado às crescentes formas de crises extremamente urgentes que estão nos confrontando hoje. Então, como sabe-se bem agora, essa forma de vida trouxe poluição, destruição do equilíbrio da natureza, superpopulação, desordem econômica e política em todo o mundo, e a criação de um ambiente geral que não é física ou mentalmente saudável para a maioria das pessoas que nele habitam.⁵

Portanto, não seria esse o momento de exercermos o que Bohm chamou de “ato de pensar” (*thinking*)? Ele explica: “O ‘ato de pensar’ significa que, quando a coisa não está funcionando, algo mais está surgindo – que está pronto para olhar a situação e mudar o pensamento, se necessário.”⁶ O físico ainda completa que:

O ato de pensar vai ser mais energizado, porque está mais diretamente ligado ao presente, porque inclui a incoerência que o pensamento está, na realidade, fazendo. Pode permitir também que os novos reflexos se formem, novos arranjos, novas ideias. Se os reflexos são, de alguma forma, abertos, flexíveis e mutáveis, funcionará bem.⁷

E como podemos fazer isso acontecer? Como podemos criar novas ideias e novas possibilidades livres de qualquer interferência pessoal? Eis o ponto. O próprio fato do pensamento humano ser fragmentado, carregado de automatismos, hábitos enraizados, repletos de subjetividades baseadas em memórias passadas, dividindo o que não deveria ser dividido, cria os infundáveis problemas vistos e dificulta o ato de pensar. Por isso não há hegemonia sobre a melhor maneira de conduzir a crise que vivenciamos ou todas as outras crises do século. O que sabemos é que vivemos em um mundo de incertezas e de fragmentações. A unicidade, proposta décadas atrás por David Bohm, parece-nos fazer muita falta, então.

Nesse sentido, a História da Ciência, unindo esferas do pensamento e da pesquisa científica que sempre foram vistas como independentes, convida-nos a pensar sobre o passado e o presente. Além disso, convida-nos a lermos mais sobre esse autor e físico ainda a ser descoberto, mergulhando em suas obras complexas e profundas. É inegável que as palavras de Bohm parecem atingir não apenas nossa década, mas, especialmente no momento em que este novo número da revista *Circumscribere* (25) é lançado.

Tanto a revista quanto o programa Pós-graduado em História da Ciência da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) buscam, nos mais altos padrões acadêmicos, unir as esferas da história, da filosofia, da ciência, da tecnologia e da historiografia, fornecendo não apenas um caminho para atrelar os modos de pensamento das ciências e das humanidades, mas também um meio de pensarmos a fragmentação e a totalidade na nossa sociedade.

⁵ Bohm, *Wholeness and the Implicate Order*, 2.

⁶ Bohm, *Thought as a System*, 100.

⁷ *Ibid.*, 101.

Juliana Genevieve Souza André e Raíssa Rocha Bombini

· Programa de Estudos Pós Graduated em História da Ciência / Centro Simão Mathias para Estudos em História da Ciência, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil. ✉ juliana_genevieve@hotmail.com.

· Editora Associada. Programa de Estudos Pós Graduated em História da Ciência / Centro Simão Mathias para Estudos em História da Ciência, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil. ✉ rabombini@gmail.com.